

A BUCÓLICA 4 DE VIRGÍLIO

Pedro Baroni Schmidt¹

RESUMO: O quarto poema da coleção de *Éclogas* ou *Bucólicas* de Virgílio² (70 – 19 AC), escrito por volta de 40 AC, tem sido um dos mais lidos, debatidos e estudados entre o cânone da literatura latina. Ainda assim, são escassas suas traduções para o português e seu acesso ao público brasileiro. A presente tradução é uma proposta de um texto mais acessível ao leitor contemporâneo e ao público não especializado no poema; portanto, procurou-se dar ao texto uma forma menos complexa que aquelas das traduções já existentes, lançando mão de ordenações sintáticas e léxico usuais na língua corrente. Além disso, foram inseridas notas explicativas para suprir o leitor de eventuais dificuldades, tais como no caso de nomes ou eventos históricos, mitológicos, geográficos, botânicos, bem como de tópicos literários; há notas que justificam algumas escolhas tradutórias, e outras ainda que sintetizam problemas de ordem filológica e de interpretação do poema. Em conjunto com a necessidade de apresentar um texto franqueável, também se procurou dar especial atenção às cores, que perfazem uma função importante no aspecto sinestésico do poema; além do nome de cinco diferentes cores, há a ordenação de uma sequência de flores e plantas com colorações características que fazem do texto um “tecido de variadas cores” (v. 42, *lana varios colores*). Assim, a tradução procurou evidenciar o jogo entre as tonalidades e, sempre que possível, apoiado em tratados de botânica, arrolar em notas as possibilidades de coloração para cada planta.

PALAVRAS-CHAVE: Virgílio; Bucólica 4; tradução.

ABSTRACT: Written circa 40 BCE, the fourth poem from the collection of *Eclogues* or *Bucolics* by Virgil (70 – 19 BCE) has been one of the most read, debated and studied works of Latin literature. Nevertheless, its translations into Portuguese are few and its access to the Brazilian public is scarce. This translation is a suggestion of a more accessible text to the contemporary reader and to unspecialized public. Therefore, this translation aims to render the original text in a less complex form than that employed by previous translations, by wearing syntactic orders and lexical structures more akin to usual current language. Furthermore, this translation employs elucidative notes in order to prevent the reader from possible difficulties, such as historical, mythological, geographical, botanical names, or as literary topics. There are also notes which vindicate some translational choices, as well as others which summarize philological and interpretation problems. In addition to the necessity of presenting an approachable text, this translation also pays special attention to colors, which play an important role in the synesthetic aspect of the poem. Beyond the mention of five different colors, there is a compilation of flowers and plants with characteristic coloring that gives to the text a sense of a “fabric of various colors” (v. 42: *lana varios colores*). Thus, this translation aims to evidence this play of colors and, inasmuch as possible, backed by botanical treaties, to list in the notes the possibilities of colors for each plant.

KEYWORDS: Virgil; Eclogue 4; translation.

¹ Professor Adjunto de Língua e Literatura Latina na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

² O texto base para a tradução é Mynors 1963, com eventuais consultas a Greenough 1900. Mantive a pontuação adotada por Mynors apenas em parte, modificando a pontuação para o mais corrente em língua portuguesa sempre que necessário.

Musas da Sicília, cantemos algo um pouco mais elevado.³
 Os arbustos e os tamariscos humildes não agradam a todos;⁴
 se cantamos os bosques, sejam os bosques dignos do cônsul.
 É chegada a hora da concretização da profecia de Cumas;⁵
 enfim chega uma era esplendorosa. (5)
 Agora retorna a Justiça, retornam os reinos de Saturno,⁶
 agora uma nova criança é enviada pelo alto céu.⁷
 Tu, casta Lucina, abençoa a este menino que nasce: diante dele⁸
 há de se extinguir o povo de ferro, e em seguida o povo de ouro

³ **Musas da Sicília:** referência à poesia de Teócrito de Siracusa, cujos *Idílios* tratam, entre outros temas, de matéria bucólica. **Algo um pouco mais elevado:** após convocar as Musas da poesia bucólica, cujo modelo é Teócrito, Virgílio anuncia que irá cantar uma matéria levemente mais séria e importante que a matéria campestre tratada nas três primeiras éclogas.

⁴ **Arbustos e tamariscos:** *arbusta* e *mirycae* são árvores de pequeno porte e, portanto, metáforas para a poesia bucólica.

⁵ **Concretização:** no original, *ultima aetas*, lit. “última era”, “último momento”, implicando a ideia de finalização, término, comprimento da profecia. **Cumas:** antiga colônia grega próxima a Nápoles, ao sul de Roma. Na mitologia romana, a cidade abrigava o santuário da profetiza Sibila, por onde Enéias consegue o acesso para o mundo dos mortos na *Eneida*. É provável que um oráculo tenha de fato funcionado no local até o século 5 AC.

⁶ **Justiça:** no original, *Virgo*, a constelação de Virgem, que representa a deusa da justiça na mitologia greco-romana. É possível sugerir que a expressão funcione como marcação temporal, indicando o período em que a constelação está na altura do nascimento do Sol, ou seja, entre 17 de setembro e 17 de outubro. A data poderia fazer referência ao momento em que se celebrava o Tratado de Brundísio (por volta do início de outubro), ou então o momento esperado para o nascimento do filho de Antônio e Otávia. **Reinos de Saturno:** de acordo com a mitologia greco-romana, Saturno reinou em uma era de ouro, quando não havia regras e limites porque também não havia males. Foi destronado por Júpiter, que inaugura uma era de normas e tabus. O retorno aos reinos de Saturno significa o regresso de uma era áurea, plena de riquezas e alimentos, e desprovida de crimes e vícios.

⁷ **Criança:** no original, *progenies*, lit. “progênie”, “descendência”. No verso seguinte, será mencionada por *nascens puer*, “menino que nasce”. A identidade dessa criança, se geral ou individual, se mitológica ou histórica, tem sido debatida desde há muito. Mattingly 1947: 14-16 oferece uma lista de possibilidades, decidindo-se por entender o filho esperado como fruto do casamento entre Antônio e Otávia, realizado em outubro de 40 AC, que oficializava a aliança política e militar entre Antônio e Otávio, irmão da noiva, naquilo que ficou conhecido como o Tratado de Brundísio. Clausen 1982: 315-316 segue a mesma linha. Durante a Idade Média, a passagem foi lida como uma profecia pagã sobre o nascimento de Jesus Cristo (cf. Bourne 1916). **Alto céu:** o original, *caelo alto*, apresenta ambiguidade, pois sua forma corresponde tanto ao dativo como ao ablativo. No dativo, exerce função de agente da voz passiva (*demittitur*); no ablativo, exerce função de adjunto adverbial de lugar de origem (“a criança é enviada do céu, a partir do céu”). Na tradução, fiz a escolha pela função do dativo.

⁸ **Lucina:** na mitologia romana, a deusa dos partos. Depois, após o contato com a cultura grega, a deusa foi identificada a um dos atributos de Juno; havia um templo para Juno Lucina no monte Esquilino em Roma, e celebrava-se sua festa, a Matronália, no início de março. Catulo 34 elenca Juno Lucina como um dos epítetos de Diana, o que talvez represente mais um movimento de aglutinação das divindades romanas (Lucina + Juno + Diana). Aqui, Virgílio qualifica a deusa como “casta”, um atributo usual a Diana, porém não a Juno ou à Lucina tradicional, uma vez que estas últimas são representadas em aspectos matronais e não virginais. Outro ponto de contato com Catulo é a própria invocação à deusa: o verso *tu nascenti puero casta Lucina* evoca Catulo 34.13-14: *tu Lucina dolentibus / Iuno dicta puerperis*. Por fim, Lucina aqui parece estar associada a Diana pela referência a Apolo, irmão desta.

há de surgir por todo o mundo; agora quem reina é o teu Apolo.⁹ (10)

Contigo e em teu consulado este momento glorioso há de florescer,

Polião, e meses magníficos começarão a fluir;¹⁰

Com o teu comando, se ainda houver algum vestígio de nossa loucura,¹¹

ele será anulado, e o mundo estará livre do medo contínuo.

O menino receberá a vida dos deuses, e verá os deuses (15)

unidos aos heróis, e ele próprio por eles será admirado,¹²

e reinará com os valores tradicionais sobre o mundo pacificado.¹³

E para ti, menino, sem qualquer cultivo a terra produzirá¹⁴

seus primeiros frutos: gramas alastrando-se por toda parte junto às aquilégias,¹⁵

e flores-de-lótus misturadas ao sorridente acanto.¹⁶ (20)

As cabras retornarão ao curral com os úberes repletos de leite

e o gado não terá medo dos leões ferozes;

o teu próprio berço produzirá delicadas flores.

Perecerá a serpente, e a venenosa erva daninha

⁹ **Apolo:** na mitologia greco-romana, deus do Sol, da música, da poesia e da razão. A divindade será mencionada novamente adiante, como o pai de Orfeu.

¹⁰ **Polião:** Asínio Polião (75 AC – 4 DC) foi uma importante figura romana na política, na oratória e no mundo das letras, famoso por patrocinar poetas; foi o criador da primeira biblioteca pública em Roma, comissionada por Júlio César. Polião foi eleito cônsul para o ano de 40 AC, tendo seu mandato conturbado pela Guerra Perusina. Colaborou para o Tratado de Brundísio, assinado em outubro de 40, que buscava unificar as forças militares e políticas de Otávio e Marco Antônio; cabe ressaltar que Polião era, à altura, partidário de Antônio.

¹¹ **Nossa loucura:** no original, *sceleris nostri*; refere-se à guerra civil. O poeta propõe que Asínio Polião será capaz de apaziguar as duas partes e pôr fim ao período de guerras civis, começando, com isso, um novo período dourado.

¹² **Por eles:** no original, *videbitur illis*, onde *illis*, no dativo, exerce função de agente da voz passiva. Seria a princípio possível entender o dativo como complemento do verbo, “se parece a eles”, “é parecido com eles”; porém, o contexto exclui essa possibilidade, a meu ver. Clausen 1994: 133 justifica a escolha de agente da passiva por comparação a outra passagem virgiliana, *Eneida* 1.440.

¹³ **Valores tradicionais:** no original, *patriis virtutibus*, lit. “virtudes paternas”, “virtudes dos pais”, devendo ser entendido “paterno” como tradicional, estabelecido pelos pais fundadores de Roma e transmitido pelos patriarcas das famílias importantes.

¹⁴ **Sem qualquer cultivo:** um dos aspectos da Idade de Ouro é a abundância e a espontaneidade com que a natureza oferece seus frutos, sem necessidade de técnicas agropecuárias. Aqui, o poema entra na matéria propriamente bucólica, enaltecendo o ambiente campestre, animal e vegetal, como um símbolo do novo momento político de paz e prosperidade.

¹⁵ **Aquilégias:** *baccar*, planta de 30 a 120 cm de altura, com flores de coloração roxa, azul, rosa ou branca, e que brotam na primavera. Acreditava-se que a planta tivesse efeito de antídoto contra feitiços e maldições. Cf. Brickell 2008: 1136.

¹⁶ **Flores-de-lótus:** *colocasias*, planta aquática com flores de coloração branca e rosada, também conhecida fava-do-Egito, lótus-sagrada ou lótus-da-Índia. Em diversas tradições orientais, a planta simboliza a vida eterna. Não é natural à península itálica, e talvez Virgílio tenha extraído o nome a partir de Teofrasto. Cf. Clausen 1994: 134. A *colocasia* (*nelubium nucifera*) não é a mesma planta consumida pelos comedores de lótus da *Odisseia* (*ziziphus lotus*, provavelmente). **Acanto:** planta nativa da região mediterrânea, de 30 a 80 cm, com flores de coloração branca e rosa.

perecerá; o amomo assírio nascerá por toda parte.¹⁷ (25)

E ao mesmo tempo as glórias dos heróis e as façanhas de teu pai
logo poderás ler, e conhecer o que é a coragem.¹⁸

O campo aos poucos tornar-se-á dourado com o trigo viçoso,
e a uva rúbea penderá das sarças silvestres,
e os carvalhos maciços verterão líquido mel. (30)

Contudo, hão de ficar latentes alguns vestígios do antigo mal,¹⁹
que obrigarão os homens a desafiar Tétis com navios,²⁰
a cercar de muralhas as cidades, a cavar sulcos na terra.²¹
Então haverá um outro Tífis e uma outra Argo para conduzir²²
seletos heróis; haverá também outras guerras, (35)

e mais uma vez o poderoso Aquiles será enviado a Troia.

Então, quando a idade madura te houver tornado um homem,

até o marinheiro abandonará o mar, e a nau de madeira

não mais venderá mercadorias; toda terra tudo há de produzir.

A terra não sofrerá a enxada, nem a vinha a foice, (40)

e também o corpulento lavrador retirará o jugo aos bois;

¹⁷ **Amomo assírio:** o nome *amomum* é utilizado por autores antigos, tanto em grego como em latim, para diferentes espécies de flores odoríferas de difícil identificação com a nomenclatura atual. Talvez seja uma referência ao cardamomo, cuja flor de coloração branca e rosa combinaria cromaticamente com a aquilégia e a flor-de-lótus mencionadas logo acima, e cujas sementes são usadas desde tempos imemoriais na culinária do Oriente Próximo (daí a menção à origem assíria da planta).

¹⁸ Há quem veja nestes dois versos um “prenúncio”, por parte de Virgílio, do que viria a ser a *Eneida*: um poema (que poderá ser lido) narrando glórias dos heróis (*laudes heroum*) e feitos do pai (*facta parentis*; pai = Enéias?). Além disso, é possível entender a passagem como um apelo à liberdade de expressão poética e um louvor ao momento de expansão da literatura (épica) romana.

¹⁹ **Vestígios do antigo mal:** no original, *vestigia priscae fraudis*; mesmo com a emergência dessa nova época de ouro, é preciso ainda duelar com os resquícios da perversidade humana; no plano político, a passagem parece aludir aos conflitos internos ao Segundo Triunvirato.

²⁰ **Desafiar Tétis:** a titânide Tétis, irmã e esposa do Oceano na mitologia greco-romana, aqui funciona como metonímia para o mar, que é navegado (desafiado) pelos homens. A tópica da prática da navegação como índice da decadência humana está presente em várias manifestações da literatura ocidental, por vezes associada à ganância do comércio e da busca por mercadorias e terras novas, e por vezes relacionada ao movimento descendente dos homens que descem da montanha para o mar e das árvores antes em pé que descem para que seus troncos se tornem embarcações. Para além da exploração da tópica, a passagem também não deixa de aludir aos duelos marítimos da guerra civil.

²¹ **Cercar de muralhas as cidades:** pode ser uma sutil referência à Guerra Perusina, travada entre 41 e 40 AC, que opôs o cônsul de 41, Lúcio Antônio (irmão de Marco Antônio), apoiado pelo Senado, pela classe média e por Fúlvia (então esposa de Marco Antônio) às forças de Otávio, lideradas por Agripa. Após serem expulsas de Roma, as tropas de Lúcio Antônio ficaram encurraladas na cidade de Perugia (hoje Perugia), que foi cercada pelos inimigos até se render. Após a guerra, Otávio e Marco Antônio viram-se compelidos pelos exércitos e pela opinião popular a entrar em comum acordo, que acabou se concretizando no Tratado de Brundísio. Cf. Gabba 1971.

²² **Tífis:** piloto da nau Argo, presente no mito de Jasão e dos Argonautas.

e a lã não aprenderá a se disfarçar em cores variadas,²³
 mas até mesmo o carneiro nos prados ora em suave rúbea
 púrpura, ora em amarelo-açafrão mudará sua pelagem;
 o vermelho, por sua própria vontade, vestirá os jovens cordeiros. (45)

“Que comece essa grande era!”, disseram em uníssono
 aos seus fusos as Parcas de poder eterno sobre o destino.²⁴
 Dileto filho dos deuses, magnânima descendência de Júpiter,
 aceita, por favor, as grandes honras, pois a hora se aproxima.^{25,26}
 Nota como o globo terrestre se alegra,²⁷ (50)

e também as terras, e também os mares, e também o céu infinito;
 nota como tudo se alegra com a era vindoura.
 Tomara que me reste a parte final de uma longa vida,
 e força suficiente para narrar tuas façanhas!²⁸
 Não me vencerá em poesia o trácio Orfeu, (55)
 e nem mesmo Lino, ainda que a mãe, Calíope, ajude Orfeu,
 e o pai, o brilhante Apolo, ajude Lino.²⁹

²³ A passagem diz que não haverá necessidade de se tingir as lãs dos carneiros, pois na era de ouro os próprios carneiros já terão naturalmente cores variadas. É digno de atenção o verbo usado por Virgílio, *mentiri*, lit. “mentir”, aqui traduzido por “se disfarçar”. Trata-se de um sutil jogo metapoético, pois o tecido (*textus*) de lã de várias cores é justamente o próprio poema.

²⁴ **Fusos e Parcas:** na mitologia greco-romana, as Parcas eram as três mulheres que teciam em suas rocas o destino de todo o universo, o qual nem mesmo os deuses podiam reverter. Os fusos são os eixos ou manivelas que compõem as rocas ou teares nos quais as Parcas teciam.

²⁵ **Por favor:** aqui utilizado para tentar verter o sentido da interjeição *o*, que me parece enfatizar o verbo *adgredere*, no que concordo com Clausen 1994: 141, refutando a leitura mais usual de um *o* vocativo unido a *cara suboles*.

²⁶ Para obter maior fluência, inverti aqui a ordem dos versos 48-49; o v. 48 do original corresponde ao 49 da tradução, e vice-versa.

²⁷ **Globo terrestre:** no original, *mundum convexo pondere*, lit. “mundo de peso convexo/redondo”. A menção da esfericidade do mundo parece enfatizar o aspecto total (global) do impacto da era de ouro.

²⁸ O verso original apresenta problemas de transmissão textual. Tanto Greenough 1900 como Mynors 1963 adotam a seguinte lição: *spiritus et quantum sat erit tua dicere facta!*, que oferece dificuldades para o entendimento. Kovacs 2011: 314-315 aborda a questão, refutando as duas leituras mais comuns, de i) a conjunção *et* posposta ou de ii) a aparição de uma expressão suprimida [*tantum*] *quantum* inexistente em quaisquer outros documentos em língua latina. Kovacs sugere a correção de *spiritus* para *pectoris*, perfazendo o sintagma *quantum pectoris*, com o *et* interposto. A tradução procurou seguir essa proposta, pois parece mais inteligível. Seguindo as lições anteriores, duas possíveis traduções seriam: i) “e inspiração também, o quanto for necessário para narrar tuas façanhas!”; ou ii) “inspiração e o que quer que seja suficiente para narrar tuas façanhas!”.

²⁹ Estes três versos enunciam a superioridade do narrador poético sobre os míticos poetas Orfeu e Lino, irmãos nascidos na Trácia (hoje Bulgária); ambos eram, de acordo com uma das versões do mito, filhos de Apolo, o deus da poesia; a mãe de Orfeu era Calíope, musa associada à poesia épica, e a mãe de Lino era Urânia, musa associada à astrologia e à matemática. Orfeu e Lino são geralmente considerados os primeiros poetas da tradição, ou então cada um deles o primeiro em cantar algum tipo específico de poesia.

Até mesmo Pã, a Arcádia julgando, se duelasse comigo,
 até mesmo Pã, a Arcádia julgando, considerar-se-ia derrotado.³⁰
 Começa, pequeno menino, a sorrir quando avistares tua mãe (60)
 (dez meses causaram à tua mãe um longo cansaço)!³¹
 Começa, pequeno menino: pois aquele que não tiver sorrido à mãe
 não será honrado por deus algum em sua mesa, nem por deusa alguma em seu leito.³²

Referências Bibliográficas

- Bourne, E. (1916) “The Messianic Prophecy in Virgil’s Forth Eclogue”. *The Classical Journal* 11 (7), pp. 390-400.
- Bradley, M. (2009) *Colour and Meaning in Ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Brickell, C. (2008) *The Royal Horticultural Society A-Z Encyclopedia of Garden Plants*. London: Dorling Kindersley.
- Clausen, W. (1982) “Theocritus and Virgil”. In: Kenney, E. & Clausen W. *The Cambridge History of Classical Literature. II. Latin Literature*. Cambridge: Cambridge University Press. Pp. 301-319.
- Clausen, W. (1994) *Virgil: Eclogues*. Oxford: Oxford University Press.
- Gabba, E. (1971) “The Perusine War and Triunviral Italy”. *Harvard Studies in Classical Philology* 75, pp. 139-160.
- Greenough, J. B. (1900) *Vergil: Bucolics, Aeneid and Georgics*. Boston: Glinn & Co.
- Kovacs, D. (2011) “Virgil, Eclogue 4.53-4: Enough of What?”. *The Classical Quarterly* 2011, pp. 314-315.

³⁰ **Pã e Arcádia:** na mitologia greco-romana, Pã é o deus dos bosques, campos e rebanhos; uma de suas características é o gosto de música e a maestria em tocar a flauta; a Arcádia, uma região da Grécia, tornou-se uma tópica poética para um local idílico, aprazível, campestre e adequado ao fazer poético, sobretudo o bucólico. A expressão “Arcádia julgando”, no original *Arcadia iudice*, em ablativo absoluto, significa o conjunto da audiência e da crítica de toda a poesia bucólica. Ou seja, todos os leitores de poemas bucólicos poderão comparar Pã e Virgílio e haverão de dar o prêmio a este último.

³¹ **Dez meses:** o tempo da gestação da criança. Em nossa cultura, é comum referirmos ao período de nove meses, muito embora a medicina atual aceite como padrão o período de 40 semanas; na Roma antiga, dizia-se dez meses, seguindo um sistema lunar, onde se considera que cada mês é composto por quatro semanas.

³² O final do poema é de difícil e contestada interpretação, mesmo porque há variações textuais (cf. Clausen 1994: 144-145). A ideia é de que a criança, ao sorrir para sua mãe logo nos primeiros instantes de vida, prenuncia ser alguém especial. É possível comparar a criança com o herói Hércules que, além de façanhas sobrenaturais já na tenra infância, obteve a companhia dos deuses tanto na mesa, ao jantar com eles, como no leito, ao se deitar com Hebe, a deusa da juventude. A associação da criança com Hércules também se relaciona com o ambiente histórico do Tratado de Brundísio, uma vez que Marco Antônio dizia-se descendente do herói (cf. Clausen 1982: 316). Contudo, a coda do poema pode também ter um elo com canções/orações votivas de nascimento, próprias da cultura romana, das quais, no entanto, há escassos registros textuais.

Mattingly, H. (1947) “Virgil’s Fourth Eclogue”. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 10, pp. 14-19.

Mynors, R. (1963) *P. Vergili Maronis: Opera*. Oxford: Oxford University Press.